



CLOVIS





# Clovis

curadoria Germana Monte-Mór e  
Ricardo Resende

abertura 05 de novembro 19h







Sem título, 2014  
Acrílico e guache sobre papel kraft  
56 x 76,5 cm

# Clovis

Vilma Eid

Eu o conheço pouco. Na verdade, depois de eu ter ouvido muito falar dele, a Flavia Corpas me levou para conhecê-lo. Ele trabalha no Ateliê Gaia, dentro do Museu Bispo do Rosário, dirigido e cuidado pela instituição. Criou para si um ateliê dentro daquele que abriga todos os artistas que passam o dia ali trabalhando. É particular, excêntrico, próprio. Os materiais acumulam-se, trabalhos acabados com outros inacabados, telas, tintas... Pouco falante, Clovis nos recebeu com um meio sorriso. Logo que viu nosso interesse pela arte, e pela dele em particular, aos poucos começou a abrir-se.

Esse homem simples, um andarilho nascido no interior do estado de São Paulo, é um artista com um currículo a ser levado em consideração. Participou destas exposições coletivas: *Ao rés-do-chão*, Livre Galeria, Rio de Janeiro, 2015; *Construção de um novo percurso: Ateliê Gaia*, Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, Rio de Janeiro, 2014/15; *Ressuscita-me*, Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, Rio de Janeiro, 2013; *Próxima parada*, Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, Rio de Janeiro, 2007; *Cologne in Colônia*, Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, Rio de Janeiro, 2006; *O que é normal?*, ECCO – Espaço Cultural Contemporâneo, Brasília, 2006; *Puzzlepólis II*, 26ª Bienal de São Paulo, 2004 (com a artista plástica Livia Flores); *Matéria prima*, Novo Museu de Curitiba, Curitiba, 2002; *Puzzlepólis*, Espaço Cultural Sergio Porto, Rio de Janeiro 2002.

Clóvis chegou a ser comparado a Bispo do Rosário, de quem foi contemporâneo, por realizar seus trabalhos com materiais reciclados, agrupando-os por vezes também de maneira obsessiva. Eu acredito que o talento é o traço que os aproxima.

Estou entusiasmada e espero que vocês também fiquem.



Sem título, 2014  
Acrílico sobre tela  
50 x 40 cm

# Clovis

Ricardo Resende

*estou sempre indo  
não sei pra onde  
mas eu vou<sup>1</sup>*

Clovis Aparecido dos Santos gosta de andar, é andarilho, caminha, vaga de um lado para outro na beira das estradas urbanas, na beira das grandes avenidas como a Linha Amarela, no Rio de Janeiro, que liga Jacarepaguá, na Zona Oeste, passando por Madureira, ao centro do Rio de Janeiro. Diz que quando caminha não pensa em nada, apenas compõe músicas e canta.

Um dia desses, já final de tarde quente carioca, retornando pela Linha Amarela da Colônia Juliano Moreira, onde ficam o Museu Bispo do Rosário e o Ateliê Gaia, Clovis foi avistado altivo e com olhar reto à sua frente. Caminhava com passos largos e rápidos em direção à Taquara, bairro onde localiza-se a colônia. Ao seu lado os carros em velocidade passavam deslocando o ar com suas sombras alongadas e os zunidos do motor, deixando como passagem no tempo uma mancha esticada, como aquelas vistas na pintura do alemão Gerhard Richter.

A história humana, desde a mais remota, a do homem ereto, é de deslocamentos. De ir de um lugar a outro. Atrás de comida ou de água, à procura de lugares mais seguros para procriar ou, por que não?, atrás de outras paisagens para morar. O ser humano vem de uma natureza vagante.

Em 2004, o artista participou de uma exposição, *PuzzlePólis II*, com curadoria de Livia Flores, dentro da 26ª Bienal de São Paulo, com 58 trabalhos. A professora e artista criou uma miragem fantasmagórica de cidade com suas peças. Clovis cria fantasmas com suas formas estranhas, seres desformes e de colorido intenso que habitam o nosso inconsciente.

O artista contou um pouco de sua história para que eu escrevesse este texto sobre sua obra.

Nasceu em Avaré, interior do estado de São Paulo. Filho mais velho, ouviu de sua mãe à época, ainda muito jovem, que, se não tinha condições de ajudar na manutenção da família, deveria então procurar o próprio sustento. Foi a chance para ele pegar a estrada e seguir adiante, sempre em frente até chegar à rodovia que une os dois estados, São Paulo e Rio de Janeiro, a Via Dutra. Estrada em que é comum ver andarilhos e peregrinos nas suas margens.

De Avaré, que fica quase no centro do estado de São Paulo, Clovis passou por várias estradas até cair no Rio de Janeiro, catou rebarbas do lixo nas ruas quando puxava uma carroça. Tinha a consciência de estar fazendo o bem ao reciclar. Ainda é uma prática sua coletar. Não perdeu o desejo da busca e da caminhada. Recolhe os mesmos materiais hoje para reciclagem, como o papelão, as garrafas PET, brinquedos aos pedaços feitos de plástico e as lonas vinílicas residuais das propagandas políticas que persistem na paisagem das periferias da cidade, mesmo depois do período eleitoral. Agora não coleta mais para vender como antes, e sim usa o material como suporte para sua obra de arte.

Fala pouco, mas sempre com um sorriso nos lábios. De frases curtas mas certeiras, deixa a dúvida se está ali por algum distúrbio mental. O que parece é que encontrou abrigo nessa nova fase da Colônia Juliano Moreira, que, depois das mudanças manicomiais implantadas desde a década de 1990, não é mais hostil. Talvez seja por isso que lá ficou.





Sem título, 2015  
Acrílico sobre metal e madeira  
114 x 78 x 63 cm



Sem título, 2014  
Acrílico sobre papel, cola e cimento  
35 x 68 x 60 cm

Discordando dos que ainda dizem que o que o Clovis faz não seria arte, pois, pela condição mental, não teria condições de “ter” a intenção de fazer arte, ele, pelo contrário, tem a clareza de que o que faz é arte.

O artista frequenta o Ateliê Gaia há mais de dez anos. O que o prende ali é a possibilidade de desenvolver o seu trabalho plástico, a tranquilidade para fazer os seus desenhos, as suas pinturas e as esculturas estranhas na forma de carros sob o olhar dos outros colegas de ateliê.

São estranhas estas formas que lembram a figura humana, de animais, vegetais e de carros. Fazem recordar seres de um filme pré-histórico da humanidade, mas também um mundo inóspito que parece que ainda vai existir daqui a milhares de anos.

Os desenhos, as pinturas e as esculturas do Clovis são de seres indefinidos e de carros toscos e engraçados. Quando esculturas, são feitos de uma mistura de restos de brinquedos e outras partes que ele constrói feitas de restos de ferro de construção civil, pedaços de madeira e arame. Uma mistura que tem como base a massa da técnica do papel machê. No lugar da cola, usa o cimento misturado ao papel de jornal e revistas. Modela essa massa na forma desses veículos que poderiam passar por brinquedos em outra época.

Nos desenhos e pinturas, que é o que predomina nesta primeira exposição apresentada pela Galeria Estação, com cocuradoria de Germana Monte-Mór, essas mesmas formas surgem ainda mais abstratas. Ora lembram a sombra de animais, ora lembram as formas dos próprios carros que Clovis inventa sobre papel e telas. Algumas cores predominam e estão mais para a vibração dos tons amarelos, dos verdes-abacate, do oliva e dos cítricos. Surgem as cores terrosas, como o marrom, o cinza, os vermelhos, os azuis, o rosa de fundo para uma figura disforme esverdeada. A cor da terra vulcânica, o branco e o amarelo combinados. É uma miríade de cores inusitadas.





Sem título, 2015  
Acrílico sobre eucatex  
50 x 63 cm

Essas escolhas podem ter apenas o sentido da precariedade em que o artista cria. Poucos recursos, o uso de materiais pobres e poucas cores de tinta à disposição. Mas a combinação é inventiva e provocativa ao criar um padrão de cores e formas que lembram arabescos e símbolos decorativos com cores ora combinadas, ora inesperadas e destoantes. Em alguns trabalhos reconhecemos e não reconhecemos o que ele desenha ou pinta. Quando não caem no abstrato completo, as figuras sugerem seres vivos com olhos esbugalhados ou, ainda, animais como peixes, o elefante em noite estrelada, plantas, folhas e flores. Em um núcleo de desenhos pintados, aparece uma escrita indecifrável e compulsiva. Mais para um texto pintado que lembra os símbolos de uma escrita com traços.

Fiz ao Clovis uma pergunta para não deixar dúvida de como se dava sua criação. Perguntei-lhe o que pensava enquanto criava. Simples assim, respondeu: “Não sei. Tudo que faço vem das minhas mãos. Passa pelas minhas mãos”. E me mostrou as mãos grandes de quem trabalha com a força física e sujas de tinta.

Ao observar a serenidade do artista vem a ideia de que o manicômio não curava. Não tinha o que curar, talvez. Pelo contrário, pelos relatos dos ex-internos, ele (o manicômio) adoecia. Agravava o estado fragilizado dos que eram internados por “n” razões.

O sistema manicomial das colônias no começo do século XX, na ocasião em que foram criadas, foi defendido em artigo de jornal, por sua utilidade pública, como campos de concentração para excluir e eliminar da sociedade os indesejados.<sup>2</sup> Portanto, nem todos que eram internados poderiam ser considerados loucos. Poderia ser uma pessoa com muita ideologia. Poderia ser um andarilho que não tinha rumo. Poderia ser um louco de fato. Poderia não ser um louco, apenas uma pessoa tímida acuada.

Dizem que no seu auge a Colônia Juliano Moreira chegou a abrigar cerca de 5.000 pessoas submetidas àquele sistema de internação prisional. Muitos sobreviveram a ele,

outros sucumbiram a sua violência, outros foram além, passaram por ele e continuaram vivendo no entorno do antigo hospício em casas comunitárias ou em casas próprias com as famílias constituídas no contexto do fim do sistema hospitalar de internação.

Talvez agora essas pessoas se sintam mais livres, com o direito de ir e vir, e aquele lugar faça parte de suas memórias, queiram ou não, embora ainda as faça lembrar das atrocidades vividas por muitos ali.

Hoje o complexo hospitalar está mais para um espaço de convívio, onde se promovem várias atividades que estimulam uma vida comunitária. É aí que está o Clovis. O artista encontrou o seu lugar ali junto de outros artistas no Ateliê Gaia, que tem orientação e coordenação do Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea.

O ateliê funciona há quase três décadas formando artistas. Foi fundado na esteira das propostas artísticas da doutora Nise da Silveira, médica do Rio de Janeiro que criou uma metodologia psiquiátrica terapêutica nos anos 1940 e 1950. A médica tinha a arte como estímulo para os pacientes em tratamento se sociabilizarem. Era uma forma de eles se prenderem no mundo e ainda fazerem arte.

O Ateliê Gaia é um espaço de arte e criação que, por meio da construção de um pensamento estético, estimula a prática artística de seus frequentadores através do diálogo e da produção, desenvolvendo com os artistas uma lógica de funcionamento autônoma.

E aí faço a pergunta: é arte o que o Clovis faz?

Esse questionamento ainda persiste nas conversas quando se trata de arte e loucura. Põem em dúvida se a obra de artistas que estão em situação de tratamento psiquiátrico seria arte ou apenas a obsessiva necessidade da esquizofrenia de acumular, transformar e fazer coisas.

Clovis acumula e cria coisas. Desenha e pinta sobre o papel. Cria imagens sobre telas feitas de papelão e plástico vinil. É o suporte que mais usa, a lona plástica para suas



pinturas. Mas também usa o papel. Na verdade o artista usa qualquer superfície plana que encontrar. Inclusive, e é curioso, pinta sobre quadros já pintados que recolhe das ruas, incorporando as molduras na sua pintura.

Com relação à matriz da obra do Clovis, o melhor paralelo que se pode fazer é com o neoexpressionismo alemão, vertente artística vista nos anos 80 e 90. Artistas como Georg Baselitz, Julian Schnabel, Anselm Kiefer, A.R. Penck, Sigmar Polke, entre outros, que ficaram conhecidos como as Novas Feras e foram identificados com os fauvistas e suas pinceladas violentas de cores fortes, são o que mais se aproxima da sua maneira de pintar.

Emoção, expressão, angústia, raiva, vigor, formas reconhecíveis ou não, o que não é totalmente abstrato nem totalmente figurativo. Fica entre as coisas disformes que habitam a memória dele e a nossa.

Nesse sentido, arriscaria perigosamente, e sem nenhuma sombra de dúvida, pensando no que nos traz Clovis do seu subconsciente, afirmar que a loucura é um estado vital para a arte. Pois sua arte vem dessa liberdade de se expressar não condicionada, condição tão necessária para criar. Sem amarras conceituais preestabelecidas.

É o que se pode apreender da obra do Clovis. O homem que foge mentalmente da normalidade seria, nessa lógica, mais liberto do que o mediano para criar, inventar e divagar no pensamento. Como diz o filósofo francês contemporâneo Frédéric Gros, no seu livro *Caminhar, uma filosofia*,<sup>3</sup> ao afirmar que há algo de mágico no andarilho (aquele que caminha a



Sem título, 2014  
Acrílico sobre papel, cola e cimento  
36 x 22 x 28 cm

esmo, que passeia, que percorre grandes distâncias) que cria, inventa, e pensa não pensar enquanto, simplesmente, anda.

Gros, em seu livro sobre o ato de caminhar, deixa a pergunta em aberto: por que muitos artistas e escritores importantes, como Rousseau, Kant, Rimbaud, Nietzsche e Jack Kerouac, adotaram essa prática de caminhar? A caminhada liberaria um fluxo poético?

É o que se apreende dessa leitura. Eu acrescentaria a essa relação artistas como o norte-americano Robert Smithson, o inglês Richard Long, a brasileira Ana Amorim com suas caminhadas-performances que chama de *Looking for Richard Long*, o Arthur Barrio com o seu trabalho *4 dias 4 noites*, em que deambula pelas ruas cariocas. A dupla gaúcha Maria Helena Bernardes e André Severo, que vão para o terminal de ônibus de Porto Alegre, pegam um ônibus qualquer e saem à cata de histórias fantásticas caminhando em cidades remotas do estado. Também o paulista Daniel de Paula, que incorporou a deriva pela cidade enquanto lê. A caminhada é tratada como uma performance e tornou-se uma forma de fazer arte hoje.

A ilusão da velocidade é a crença de que ela economiza tempo. Dias de caminhadas lentas são muito longos: eles nos fazem viver mais, porque você vive cada hora, cada minuto, cada segundo para respirar e mergulhar fundo nos sentidos.

Quando se caminha, nada se move ao seu lado. As montanhas estão paradas e aquela presença estática estabelece uma relação com o corpo. A paisagem é feita de sentidos. Gostos, cheiros e cores, essências que o corpo absorve.<sup>4</sup>

Caminhar para apenas respirar na paisagem. Cada parada pode ser ou ter uma inspiração, pensar algo ou inventar algo, para morrer imediatamente depois.<sup>5</sup>

Fiz outra pergunta ao Clovis, para encerrar, o que ele pensava enquanto caminhava. A resposta foi precisa. “Em nada. Eu componho música. Faço música na cabeça e canto.” Não memoriza o que faz, segundo ele.

Depois, a sua criação, a sua arte, como me contou nessa conversa, passa pelas suas mãos. Simples assim. E ele voltou a pintar imerso em uma pilha de papel.

A pintura e o desenho do Clovis são do ímpeto, a força criadora que move o homem sem nenhuma pretensão de filiar-se a uma corrente artística moderna ou contemporânea, e também não dá margem para devaneios conceituais.

1 Renata de Andrade, *Contentíssima em Caconde*. São Paulo: Patuá, 2014, p. 13. A artista brasileira vive em Amsterdã, na Holanda, e teve sempre a prática de deslocar-se, de caminhar.

2 Frederico Moraes e Flavia Corpas, orgs., *Arte além da loucura*. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

3 Frédéric Gros, [*Marcher, une philosophie*] *A philosophy of walking*, trad. de John Howe. Nova York: Verso, 2014.

4 Ibidem, p. 79.

5 Ibidem, p. 80.



Sem título, 2014  
Acrílico sobre tela  
37 x 29 cm



Sem título, 2014  
Acrílico sobre tela  
30,5 x 43,5 cm



Sem título, 2014  
Acrílico sobre tela  
30 x 33 cm





Sem título, 2015  
Acrílico sobre tela  
50 x 70 cm



Sem título, 2015  
Acrílico sobre tela  
50 x 70 cm



Sem título, 2015  
Acrílico sobre tela  
40 x 50 cm





Sem título, 2015  
Acrílico sobre vinil  
92 x 89 cm





Sem título, 2014  
Acrílico sobre papel  
56 x 76,5 cm



Sem título, 2014  
Acrílico e guache sobre papel kraft  
56 x 76,5 cm



Sem título, 2014  
Acrílico e guache sobre papel kraft  
56 x 76,5 cm





Sem título, 2014  
Acrílico e guache sobre papel kraft  
56 x 76,5 cm





Sem título, 2014  
Acrílico sobre eucatex  
70 x 54 cm



Sem título, 2015  
Acrílico sobre eucatex e madeira  
62 x 82 cm



Sem título, 2015  
Acrílico sobre tela  
30 x 30 cm



Sem título, 2015  
Acrílico sobre tela  
20 x 30 cm





Sem título, 2014  
Acrílico sobre papel, cola e cimento  
32 x 82 x 45 cm



I don't know him that well. Actually, after having heard a lot of talk about him, Flavia Corpas took me to meet him. He works at Ateliê Gaia, located inside the Bispo do Rosário Museum and administered and cared for by the institution. He has created for himself a studio inside of the one that welcomes all the artists who spend their days at work there. He's private, eccentric, one of a kind. The materials accumulate, finished work together with unfinished work, canvases, paint... Not the talkative type, Clovis greeted us with a smile. As soon as he saw we were interested in art, and in his art specifically, he started opening up little by little.

This simple man, a drifter born in rural São Paulo state, is an artist with a substantial resume. He has participated in the following group exhibitions: *Ao rés-do-chão* ["At ground-level"], Livre Galeria, Rio de Janeiro, 2015; *Construção de um novo percurso: Ateliê Gaia* [Building a new route: Gaia Studio, Bispo do Rosário Museum of Contemporary Art, Rio de Janeiro, 2014/15; *Ressuscita-me* ["Resurrect me"], Bispo do Rosário Museum of Contemporary Art, Rio de Janeiro, 2013; *Próxima parada* ["Next stop"], Bispo do Rosário Museum of Contemporary Art, Rio de Janeiro, 2007; *Cologne in Colônia*, Bispo do Rosário Museum of Contemporary Art, Rio de Janeiro, 2006; *O que é normal?* ["What is normal?"], ECCO – Contemporary Cultural Space, Brasília, 2006; *Puzzleópolis II*, the 26<sup>th</sup> São Paulo Biennial, 2004 (with visual artist Livia Flores); *Matéria prima* ["Raw material"], New Museum of Curitiba, Curitiba, 2002; *Puzzleópolis*, Sergio Porto Cultural Space, Rio de Janeiro 2002.

Clóvis has been compared to his contemporary Bispo do Rosário because he makes his works of art with recycled material, grouping them in a manner that's often obsessive. I believe that talent is the characteristic that links them.

I'm excited and I hope that you will be too.

*I'm always going  
I don't know where  
but I go<sup>1</sup>*

Clovis Aparecido dos Santos likes to travel, he's a wanderer, he walks, roaming from one place to the next by the edge of the urban highways, by the edge of the big avenues like Rio de Janeiro's Linha Amarela, which connects Jacarepaguá in the West Zone through to Madureira in downtown Rio. He says that when he's walking he thinks of nothing; he simply makes up songs and sings.

On one such day, in the heat of a late Rio afternoon, alongside the Linha Amarela on his way back to Colônia Juliano Moreira, where the Bispo do Rosário Museum and Ateliê Gaia are located, Clovis was seen looking proud and staring straight ahead. He walked with quick, wide steps toward Taquara, the neighborhood which is home to the Colônia. Cars sped by him displacing the air with their long, splaying shadows and the rumbles of their engines, leaving spindly stains like passages in time, similar to those in the paintings of German artist Gerhard Richter.

Human history, since its most ancient beginnings, with the homo erectus, is one of displacement. A history of going from one place to another. For food or water, searching for safer places to procreate or (why not?) other landscapes in which to live. Humans are vagrant by nature.

In 2004, the artist participated in a exhibition, *PuzzlePólis II*, curated by Livia Flores, as part of the 26<sup>th</sup> São Paulo Biennial, with 58 works. Flores, a teacher and artist herself, created a phantasmagoric mirage of the city with his pieces. Clovis creates ghosts with his strange shapes, deformed beings and the intense colors that inhabit our unconscious.

The artist shared a little of his life's story so that I could write this text about his work.

He was born in Avaré, in rural São Paulo state. The oldest of his siblings, he heard his mother tell him at a young age that if he was unable to contribute economically to the family's well-being, he should find a way to support himself. It was his chance to take off and hit the road, heading on until he reached the highway that connects the states of

São Paulo and Rio de Janeiro, Via Dutra – an interstate where it's common to see wanderers and tramps on both sides of the road.

From Avaré, which is located almost in the center of the state of São Paulo, Clovis traveled several highways before arriving in Rio de Janeiro, collecting scraps from the trash on the streets back when he used to pull a cart. He was aware that he was doing good by recycling. And collecting scraps is something he still does. He still has the desire to scavenge and a taste for the road. Today he collects materials for recycling – cardboard, PET bottles, toys made of pieces of plastic and the vinyl tarps of political ads that remain in the city's outlying neighborhoods long after elections are held. But he no longer collects them with the intention to trade them in, but rather as material for his works of art.

He doesn't talk much but when he does, he has a smile on his lips. With short but pithy sentences, he does away with doubts as to whether he's there because of some mental disturbance. It seems that he's found shelter at Colônia Juliano Moreira, which after changes in its approach to mental illness in the 1990s, is no longer a hostile place. Perhaps that's why he's stayed.

Disagreeing with those who insist on saying that what Clovis does isn't art, since, due to his mental condition, he isn't able "to have" the intention to do so, he, on the contrary, has the clarity of one who knows what he makes is art indeed.

The artist has frequented Ateliê Gaia for over ten years now. What keeps him there is that it allows the possibility to create his artwork, the peace to make his drawings, his paintings and odd sculptures shaped like cars under the watchful eyes of his colleagues at the studio.

These forms are strange, resembling human figures, animals, vegetables and cars. They bring to mind beings from a film of prehistoric humanity, but also an inhospitable world which seems like it will still exist thousands of years from now.

Clovis's drawings, paintings and sculptures are undefined beings and crude, amusing automobiles. The sculptures are made out of combinations of the remains of toys and other pieces he builds from scraps of iron taken from construction sites, pieces of wood and wire. A mixture based on the techniques used to create papier-mâché. Instead of glue, he uses cement, combining it with newspaper and the pages of magazines. He molds this mass into the shapes of vehicles that could pass for toys from another time period.

In his drawings and paintings, which make up the majority of this first exhibition presented by Galeria Estação and co-curated by Germana Monte-Mór, these same forms appear, in even more abstract incarnations. At times they recall the shadows of animals, at others they look those same cars that Clovis invents, but on paper and canvas. Some colors are prominent and trend more toward the vibrations of yellow, avocado green, olive and citric fruits. Earth tones also emerge – brown, grey, reds, blues, the pink in the background of a deformed, greenish figure. The color of a volcanic land. White and yellow combined. A myriad of unusual colors.

These choices might be mere reflections of the precarious conditions in which the artist creates. Meager resources, the use of poor material and few colors of paint available. But the combination is inventive and provocative by creating a pattern of colors and forms that at times recall arabesques and decorative symbols with matching colors, while, at others, they are unusual and dissonant. Depending on the individual work, we may or may not recognize what he draws or paints. When they don't fall into total abstraction, the figures suggest living beings with bug eyes, or even creatures like fish, an elephant on a starry night, plants, leaves and flowers. In a nucleus of painted drawings, indecipherable, compulsive writing appears. More akin to a painted text than the symbols of writing in brushstrokes.

I asked Clovis a question in order to leave no doubt regarding his creative process. I asked him what he thought about while he was creating. And he answered plainly: "I don't know. Everything I make comes from my hands. It passes through my hands." And he showed me the large, paint-stained hands of someone who works with physical force.

When observing the artist's serenity, the idea struck me that a mental hospital doesn't cure. On the contrary, according to reports from former residents, it actually makes one sicker. It worsened the fragile states of those who are committed for an endless array of reasons.

The system of mental hospital colonies in the early 20<sup>th</sup> century, at the time of their founding, was defended in a newspaper article for their public utility, as concentration camps to exclude and eliminate undesirables from society.<sup>2</sup> As such, not everyone was who committed could be considered insane. They might have been individuals with strong ideologies. They might have been wanderers without destinations. They might not have been truly mad, just timid and intimidated.

It has been reported that at its height, Colônia Juliano Moreira contained around 5000 people subjected to a system of penitentiary internment. Many people survived it, others succumbed to its violence, others went even further and continued living in the region surrounding the old hospital in community homes or their own houses with families constituted in the context of the end of the hospital internment system.

Perhaps now these people feel freer, with the right to come and go, and that place is part of their memories, like it or not, while still forcing them to recall the atrocities experienced by so many there.

Today the hospital complex is another space for socialization, where a variety of activities are promoted to stimulate community life. It is there that I found Clovis. The artist found his place there along with the other artists at Ateliê Gaia, which receives guidance and coordination from the Bispo do Rosário Museum of Contemporary Art.

The studio has been training artists for nearly three decades now. It was founded in the wake of artistic proposals made by Nise da Silveira, a doctor from Rio de Janeiro who created a therapeutic psychiatric methodology in the 1940s and '50s. The doctor saw art as a way to stimulate socialization among patients in treatment. It was a way for them to root themselves in the world and also create art.

Ateliê Gaia is a space for art and creation which, through the construction of aesthetic thought, stimulates the artistic practice among its regular visitors through dialogue and production, developing an autonomous operational logic together with the artists.

And so I ask the question: is what Clovis makes art?

This question persists in conversations surrounding art and madness. They introduce doubt as to whether the work of artists undergoing psychiatric treatment is actually art or merely the obsessive need of a schizophrenic to accumulate, transform and make things.

Clovis accumulates and creates things. He draws and paints on paper. He creates images on canvases made of cardboard and plastic vinyl. This is the medium he most uses, the plastic canvas of his paintings. But he also uses paper. Actually, the artist uses any flat surface he finds. He even – and this is curious – paints over already-painted canvases that he finds in the streets, incorporating the frames into his paintings.

Regarding the origins of Clovis's work, the best parallel we can draw is to German Neo-expressionism, an artistic movement that appeared in the 1980s and '90s. Artists like Georg Baselitz, Julian Schnabel, An-

selm Kiefer, A.R. Penck and Sigmar Polke, among others, who became known as the *Neue Wilden* (literally the “new wild ones”) and were identified with the Fauves and their violent, brightly-colored brushstrokes, are the closest thing to his style of painting.

Emotion, expression, angst, rage, vigor, forms which may or may not be recognizable, those that are not entirely abstract nor entirely figurative. Somewhere in between the deformed things that inhabit his memory and ours.

In this sense, I take the perilous risk, without the slightest shadow of a doubt, thinking of what Clovis brings to us from his subconscious, to affirm that insanity is a state that is vital to art. Because his art gives way to the freedom to express himself unconditionally, a condition that is so necessary for creation. Without any pre-established, conceptual binds.

This is what can be learned from Clovis’s work. The man that flees mentally from normalcy, according to this logic, is freer than the average person to create, invent and drift in thought. Contemporary French philosopher Frédéric Gros affirmed precisely this in his book, *A philosophy of walking*,<sup>3</sup> writing that there is something magical about the wanderer (he or she who heads off at random, travels and journeys long distances) who creates, invents, and thinks without thinking while simply going.

Gros, in his book about the act of walking, leaves an open question: why have so many important artists and writers, like Rousseau, Kant, Rimbaud, Nietzsche and Jack Kerouac, adopted this practice of wandering? Does the act of traveling liberate a poetic flow?

This is what we can learn from this reading. I would add to this conversation artists like the American Robert Smithson, the Englishman Richard Long, the Brazilian Ana Amorim with her performance-walks entitled *Looking for Richard Long*, Arthur Barrio with his work *4 days 4 nights*, in which he roamed the streets of Rio. The duo from Rio Grande do Sul Maria Helena Bernardes and André Severo, who go to the bus station in Porto Alegre, take a random bus and head off in search of fantastic stories, traveling to remote towns in the state. And also São Paulo native Daniel de Paula, who incorporated the the act of roaming the city with reading. Walking is treated like a performance and has become an art-form nowadays.

The illusion of speed is the belief that it saves time. Days of slow walks are very long: they make us live more, because we experience

each hour, each minute, each second to breathe and deeply immerse ourselves in our senses.

When you walk, nothing moves beside you. The mountains are still and that static presence establishes a relationship with the body. The landscape is made of senses. Tastes, smells and colors, essences that the body absorbs.<sup>4</sup>

Walking to simply breathe in the scenery. Each stop can be or contain its own inspiration, thinking of something or inventing something, that dies immediately afterward.<sup>5</sup>

In closing, I asked Clovis another question– what was it he thought about while he walked. His answer was precise. “Nothing. I write songs. I make up songs in my head and I sing.” According to him, he doesn’t memorize them.

After, his creations, his art, as he told me in our conversation, pass through his hands. It’s as simple as that. And he went back to painting, immersed in a pile of paper.

Clovis’s paintings and drawings are the impetus, the creative force that moves this man with no pretense of affiliating himself to the currents of modern or contemporary art, and which also leaves no room for conceptual reverie.

1 Renata de Andrade, *Contentíssima em Caconde*. São Paulo: Patuá, 2014, p. 13. The Brazilian artist lives in Amsterdam, Netherlands, and it was always her practice to move, to walk.

2 Frederico Moraes and Flavia Corpas, eds., *Artur Bispo do Rosário: Arte além da loucura*. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

3 Frédéric Gros, *A philosophy of walking*, trans. John Howe. New York: Verso, 2014.

4 Ibidem, p. 79.

5 Ibidem, p. 80.



Clovis 2015

Galeria Estação

Diretores

Vilma Eid

Roberto Eid Philipp

Curadoria

Germana Monte-Mór

Ricardo Resende

Textos

Ricardo Resende

Vilma Eid

Produção e desenho gráfico

Germana Monte-Mór

Secretaria de produção

Giselli Mendonça Gumiero

Rodrigo Casagrande

Fotos

João Liberato

Revisão de texto

Otacílio Nunes

Montagem

MIA - Montagem de instalações artísticas

Iluminação e apoio de produção

Marcos Vinícius dos Santos

Kleber José Azevedo

Versão de textos para o inglês Matthew Rinaldi

Assessoria de imprensa Pool de Comunicação

Impressão e acabamento Lis Gráfica

Agradecimentos

Raquel Fernandes, Flavia Corpas e Tatiana Russo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Clovis / curadoria Germana Monte-Mór e Ricardo Resende ; [textos Ricardo Resende, Vilma Eid ; versão de textos para o inglês Matthew Rinaldi]. -- São Paulo : Galeria Estação, 2015.

"Abertura 05 de novembro 19 horas, exposição 05 de novembro a 15 dezembro."  
Ed. bilíngue: português/inglês.

1. Arte - Exposições 2. Artes plásticas  
3. Artistas plásticos - Brasil 4. Santos, Clovis  
Aparecido dos I. Monte-Mór, Germana. II. Resende, Ricardo. III. Eid, Vilma.

15-08964

CDD-730

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Artes plásticas : Exposições 730

**Capa**

Sem título, 2014

Acrílico sobre vinil

90 x 90 cm

**Contra capa**

Clovis e detalhes de desenhos na  
parede do atelier  
fotos Germana Monte-Mór

Sem título, 2014

Acrílico sobre vinil

91 x 90 cm

**Folha de rosto**

Sem título, 2015  
Acrílico sobre tela  
22 x 35 cm

**GALERIA  ESTAÇÃO**

rua Ferreira de Araújo 625 Pinheiros SP 05428001

fone 11 3813 7253 [galeriaestacao.com.br](http://galeriaestacao.com.br)





An abstract painting featuring a large green car with white wheels at the bottom, a stylized figure in the center, and a large green shape on the left. The background is composed of various colors and textures, including a rainbow-like arch at the top. The text 'GALERIA ESTÇÃO' is overlaid in the center.

GALERIA ESTÇÃO